

# CARTA PRETA

*Carta falada, transformada em texto, elaborada por mulheres negras trans e cis participantes da Jornada das Pretas 2022, ocorrida nos dias 14, 21 e 28 de maio de 2022, com o objetivo de fortalecer a construção de agendas políticas das mulheres negras, conformar as experiências e trajetórias das mulheres negras e promover um espaço de encontro seguro e fortalecedor. A 2ª Jornada das Pretas foi realizada pela Oxfam Brasil, em parceria com Instituto Alziras, Instituto Marielle Franco e Mulheres Negras Decidem.*

## **Quem são as mulheres da Jornada das Pretas?**

As mulheres da Jornada das Pretas são fortes, potentes e diversas, que buscam estar em qualificação contínua, não só para contribuir na construção de uma sociedade melhor, mas também para ocupar os espaços de decisão, para que todas as mulheres negras sejam, de fato, representadas.

Somos mulheres pretas, pardas, cis, trans, travestis, indígenas, quilombolas, faveladas, periféricas, advogadas, professoras, sacerdotisas, domésticas, mães de família, donas do lar. Somos mulheres empoderadas, não aceitamos a condição de submissão e de subjugação imposta pelo patriarcado. Somos as mulheres que combatem o racismo estrutural e o racismo religioso. Estamos sempre nos fortalecendo e nos preparando para ocupar os espaços que sempre foram tomados de nós.

Somos filhas de África, descendentes de rainhas, somos o verbo esperar, somos a continuação da luta, somos mulheres construindo as mudanças que consideramos necessárias, somos lindas e fortes, somos a revolução.

## **Quais os fatores da conjuntura eleitoral neste ano que mais afetam as mulheres negras?**

A violência política é um dos aspectos que mais afetam as mulheres negras. Esse tipo de violência acontece quando expomos nossos corpos para a luta, quando ocupamos espaços que há tanto tempo são privilégios das elites. São mecanismos construídos para nos tirar do lugar onde chegamos. São ameaças físicas, humilhações, interrupção de fala, entre outros.

A violência política também afeta a saúde mental. A falta de recursos para as mulheres negras e a desigualdade são realidades em todos os partidos políticos. Sofremos a violência política da agressão física, psicológica, econômica, simbólica e sexual. Sentimos que somos as mais atingidas nesse parâmetro. A Jornada das Pretas foi muito significativa, porque trouxe à tona essa questão que é real no Brasil inteiro.

A questão da saúde mental é muito complexa e nos afeta muito. A Jornada das Pretas colaborou especialmente com a elevação da nossa autoestima, para que a gente continue firme e de cabeça

sempre erguida. Existe muita desigualdade financeira nos partidos políticos. Essa violência política se expressa também na ausência de pautas voltadas para as mulheres negras, e de pautas antirracistas dentro dos partidos.

Não dá mais para lutar contra o racismo se não estivermos em espaços estratégicos. Ninguém mais vai falar por nós, e quem falar em nosso nome tem que falar a partir do que acumulamos como resposta à sociedade, sobre como entendemos uma sociedade livre de racismo, sobre como as instituições, os meios de comunicação, as políticas de saúde e educação podem responder às expectativas de 56% da população brasileira.

Em meio à falta de recursos e aos preconceitos, entrar para a política é um desafio enorme para mulheres e negros no Brasil, ainda mais para quem pertence aos dois grupos. É preciso garantir maior participação das mulheres negras nos partidos políticos. Além de ser um processo de reparação histórica, é também uma forma de promover a democracia e pluralidade de vozes nos espaços de tomada de decisão. Vale lembrar que garantir a participação plena e efetiva de mulheres negras na política, e promover a igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis, estão entre as metas globais dos objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU.

A falta de recursos coloca as mulheres negras em grande desvantagem na disputa eleitoral, e essa desvantagem aumenta com a desigualdade dentro dos partidos políticos. Por isso, a paridade de gênero tem que ser uma realidade nessas estruturas. Nada sobre nós sem nós. Ousando lutar, venceremos.

### **Como as mulheres negras que estão disputando a política estão se cuidando?**

As mulheres negras estão se cuidando, no sentido de se agruparem, de se achegarem, de se formarem junto com outras, porque é muito importante que nos vejamos e nos reconheçamos em outras, nas muitas que somos. As estratégias de cuidado individual partem do cuidado coletivo. As mulheres negras também podem se proteger e se cuidar disputando a política a partir de denúncias, porque os nossos corpos estão sendo ameaçados e violados constantemente.

Nos cuidamos estando em coletivo, juntas, trocando, como conseguimos fazer na Jornada das Pretas, e em outros espaços. Ainda são poucas as mulheres negras que se colocam nesse espaço da disputa, e precisamos nos acolher, estarmos juntas em bonde, para que não seja tão duro. Assim como entender que o cuidado é uma tarefa, assessorar, ser representante política, responder a agenda, responder e-mails, e fazer discursos, também são ações desse campo que precisam ser realizadas.

Também é importante ter os cuidados espirituais, se possível fazer terapia, cuidar da saúde mental, que muitas vezes fica negligenciada pelo corre da vida. Entendendo que essa disputa pela política institucional vai ser árida, e que cavalo cansado não vence a guerra. Ter consciência que não está tudo bem ficar sem almoçar, que não está tudo bem não dormir direito. Entender que precisamos cada vez mais de espaços de troca, entender que a violência vai acontecer, porque esses espaços não estão preparados para os nossos corpos.

Precisamos estar bem para cumprir o projeto político de ocupação desses espaços. Tudo é válido, desde conseguir preservar um horário, chá, banho de folhas, cuidados com a cabeça, com o Ori, as trocas... Precisamos nos cuidar em coletivo.

Temos que fazer cobranças cada vez mais duras aos partidos políticos, à sociedade, aos governos, com relação à nossa integridade física e política. Ao fazer essas cobranças, estamos cuidando do nosso amanhã. Mesmo após o assassinato brutal da Marielle Franco, pouca coisa mudou. Ainda é muito incipiente o que se faz para garantir a nossa permanência nesses espaços da política institucional. É importante também entender isso como um 'front' da luta, assim como defender nossas pautas com base nos fundamentos raciais e de gênero.

Individualmente, nos cuidamos com Axé, nos cuidamos com a força das Yabás, nos cuidamos com a oração das nossas anciãs, com a rede de solidariedade dos nossos amigos, e só. Querem usar todas as tecnologias que carregamos em nosso Ori, em nossos corpos, mas não querem que fiquemos no topo. Só que nós somos um movimento. Nós somos como a terra em terremoto, nós somos como a terra em maremoto, e nada nos segura. No final, vamos vencer, e vamos transformar plenamente este país, para além das fronteiras. Vamos transformar esse mundo, abraçando a nossa mãe terra.

Aprender a se cuidar é um processo. Não recebemos esse cuidado das estruturas da sociedade, muito menos dos espaços institucionais. É um processo difícil, estamos começando a nos cuidar individualmente. Temos muita dificuldade em nos cuidar e nos priorizar. No entanto, estes espaços onde estamos juntas e trocando, são os espaços onde conseguimos nos cuidar e cuidar das nossas. A Marcha das Mulheres Negras e as Jornadas das Pretas são espaços fundamentais de cuidado. Outro instrumento é a terapia, a análise. São cuidados como processo, que estão muito embrionários, mas já estão acontecendo e são fundamentais.

### **Que estratégias estamos operando para ampliar a presença de mulheres negras nos espaços de poder nessas eleições?**

A Jornada das Pretas é uma das respostas, é a principal estratégia que estamos usando. É essa organização das mulheres negras para levar ferramenta, conteúdo, construir redes, fortalecer esse entendimento de que nosso projeto político é coletivo, que ele não é sobre um rosto, e que a gente é continuidade de uma luta, reverenciando quem veio antes e pavimentou esse caminho, mas também reconhecendo a obrigação sobre esse tempo que estamos vivendo, que é abrir caminho e pavimentar para quem vai vir depois.

Essa mudança virá por nós e por nossa organização. Isso vem desde os treinamentos, desde as formas de levar afeto e cura. Tudo isso é estratégia, tudo isso é cuidado. A informação que leva ferramentas, a iniciativa de formar essa rede, são as estratégias para ampliar nossa presença nos espaços de poder, e são fundamentais.

Quando discutimos a segurança das parlamentares, também é pensando sobre o aumento de mulheres negras nas eleições. Temos um grande problema que é a falta de recursos, precisamos discutir e amarrar estratégias para visibilizar o financiamento coletivo para as campanhas das mulheres negras, para que se forme uma grande rede que estimule outras. Nesse momento, as estratégias são: dividir as ferramentas e os saberes, entender que disputar esse espaço é fundamental,

mas também é violento. É preciso ter muito cuidado, ter autocuidado e cuidado com outras mulheres também.

É justamente por conta da desigualdade de gênero que precisamos cada vez mais fortalecer as ações afirmativas. Essas ações, que visam garantir o acesso ao fundo eleitoral para o financiamento das campanhas, também são ações educativas e de formação política. O combate ao machismo, à desigualdade de gênero e à violência política, e quem sabe, no futuro, pensar na reserva legal de cotas para alguns cargos eletivos. Essas são as estratégias que visam garantir a participação das mulheres, principalmente as mulheres negras que sabem a dor que o racismo causa sobre seus corpos e sobre os corpos das suas famílias.

### **Quais as principais agendas de luta das mulheres negras trans, travestis e cis na atualidade, considerando as eleições, mas não apenas isso?**

As principais agendas de luta das mulheres negras passam pela constatação de que elas foram as mais atingidas na pandemia, boa parte como trabalhadoras domésticas, autônomas, até como empregadas em outros setores mais vulneráveis. Então, uma das principais tarefas nessa luta é garantir políticas públicas que colaborem para a melhoria das condições econômicas e financeiras das mulheres negras, fomentando políticas de autossustentação, de organização em cooperativas etc. Além disso, é preciso considerar que as mulheres negras sofrem as maiores violências, inclusive a doméstica, o feminicídio, os estupros, a violência contra as crianças também negras e as mulheres trans. Isso precisa ser priorizado como debate: a questão econômica, para garantir que as mulheres tenham condições financeiras de ter uma vida digna, e, da mesma forma, garantir que as mulheres negras não morram por serem mulheres e por serem negras. Nos organizarmos para disputar esses espaços de poder é também tarefa e pauta nossa, é a partir do nosso fazer nesses espaços que podemos avançar na transformação da sociedade.

Outra tarefa fundamental, das nossas lutas, é nossa organização nos movimentos, na luta das mulheres. Nós não podemos permitir a tragédia que seria a reeleição do fascismo. Nossa maior tarefa é conseguir avançar na nossa força de organização, de participação, e nos animar para outras políticas.

Uma das principais lutas das mulheres negras quilombolas é a questão da demarcação dos territórios, que está parada há anos. Entender a importância da terra para as quilombolas como lugar da coletividade, do sustento, do rito, do aprendizado. Então é uma das agendas, porque quando estamos falando de território, estamos falando de tudo: de saúde, de educação, de garantia de trabalho, de toda vida das comunidades.

A nossa principal luta enquanto mulheres negras é combater o racismo estrutural. Nós somos as que mais sofremos com ele, em suas várias faces, entre elas o racismo ambiental. Nós mulheres negras temos mais dificuldade com acesso ao trabalho, à educação, às oportunidades e melhor condição de vida. Somos nós, mulheres negras e mães solo, que temos dificuldade em conseguir uma creche para nossos filhos, para poder trabalhar. Somos nós, mulheres negras, que sofremos com o feminicídio. Somos nós as mais atingidas pela pobreza.

### **Qual é o nosso horizonte de sonhos? Que mundo/país desejamos pra nós?**

Uma das principais agendas de luta das mulheres negras é permanecermos vivas! Lutar pela vida, pela democracia, pela inclusão, pela geração de emprego e renda, pelo cuidado com a saúde mental. Pelo direito à vida e a liberdade dos nossos filhos, porque eles e nossos irmãos são perseguidos pelo sistema e pela polícia, e são eles que são sempre o alvo. Para as eleições, o grande desafio é conseguirmos eleger cada vez mais mulheres negras, conseguirmos segurança para as que estão no 'front', porque a violência política sobre as mulheres negras é muito pesada. É preciso garantir que elas tenham direito ao financiamento de campanha, fazendo uma fissura no sistema e aumentando o número de parlamentares negras.

Um país justo e igualitário. É isso que queremos, é isso que desejamos para todas nós.

Um país onde nós possamos andar nas ruas sem sermos violentadas, onde as nossas vidas sejam prioridade para qualquer política, de qualquer governo. Onde se garanta os direitos mais básicos, como alimentação digna e de qualidade, emprego e segurança. Que os nossos filhos saiam e voltem para casa todos os dias.

Um modelo de país que seja governado por mulheres, que as mulheres sejam respeitadas, mas principalmente que elas sejam ouvidas. E que os nossos sonhos saiam dos papéis, que eles saiam dos comitês, que saiam dos escritórios, que se tornem realidade, se tornem vivos, porque a gente sonha com um país igualitário.

Um país de oportunidades, um país amistoso, dos sorrisos que são mostrados nas propagandas. Não queremos somente um país de carnaval e de futebol, mas também queremos um país que possibilite sorrisos, esperanças, sonhos, felicidades, e, sobretudo, que nos possibilite estar vivas. A revolução é feminina desde sempre! As revoluções foram construídas com as nossas lutas, nossos suores, nosso sangue, nossa força, nosso intelecto.

Precisamos de representatividade, precisamos voltar a ter esperança. Há uma caminhada, e ela está cada vez maior, cada vez mais mulheres na sua diversidade se reúnem, se encontram, se fortalecem e caminham lado a lado. Mulheres que pensam, debatem, sonham e fazem isso acontecer. Essa luta precisa se fortalecer cada dia mais, para que ela se torne cada vez mais realidade, para que ela deixe de ser uma ação numa periferia e passe a ser uma ação em vários locais desse país, até que transformemos toda a realidade, garantindo a nossa vida, a nossa segurança, o nosso trabalho, a nossa saúde e a saúde dos nossos e das nossas filhas.